

LÉSBICAS E A INTERDIÇÃO DISCURSIVA: UMA ANÁLISE DO SILÊNCIO JAPONÊS ACERCA DA SEXUALIDADE

Jéssica Akemi Kawano Ribeiro¹
Ana Laura Perenha Santos²

Resumo: Este artigo objetiva discutir, a partir da análise do discurso foucaultiana, a interdição dos discursos de lésbicas japonesas. Consideramos que o silêncio é uma ferramenta comunicativa no Japão, levando os japoneses a evitar temas tabu, como a sexualidade. Ademais, utilizamos teóricas como Chalmers e Lebra para ampliar nossas discussões. Dessa forma, fomos capazes de compreender que existe uma postura de silenciamento dos discursos lésbicos e de homogeneização social, dado o caráter coletivista e heteropatriarcal da sociedade japonesa. Assim, constatamos que a suposta homogeneidade da cultura japonesa é inviável, já que leva o não-heterossexual ao ostracismo.

Palavra-chave: Lésbicas; Japão; Análise do discurso.

Abstract: This paper uses Foucauldian discourse analysis to discuss the interdiction on Japanese lesbians' discourses. We consider that silence is a communicative tool in Japan, leading Japanese people to avoid taboo topics, such as sexuality. Furthermore, we resort to theorists such as Chalmers (2002) and Lebra (2007) to expand our discussion. Therefore, verified a silencing attitude towards lesbians' discourses and social homogenization, as Japanese society has a collectivist and heteropatriarchal character. Thus, we noted that the so-called cultural Japanese homogeneity is unfeasible, since it leads non-heterosexual individuals to ostracism.

Keywords: Lesbians; Japan; Discourse analysis.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Mestra em Ensino: Formação Docente, Universidade Estadual do Paraná, Brasil. E-mail: jessica.akemi_@hotmail.com. Orcid: 0000-0002-8384-1598

2 Mestranda em História Pública, Universidade Estadual do Paraná, Brasil. E-mail: analaurapsantos. Orcid: 0000-0003-3315-7285

Introdução

O Japão não possui uma longa história de violência direta a minorias sexuais, até mesmo porque, tradicionalmente, os homossexuais assumidos são uma parcela mínima da população³. Como pontuado pela escritora e intelectual japonesa Hiroko Kakefuda (1992 apud CHALMERS, 2002, p. 10), “a maioria das lésbicas no momento não se assumiu, então elas não podem ser vistas. E porque elas não podem ser vistas, a sociedade não as ataca e está preparada para deixá-las ser”.⁴

Esse jogo de silêncio, entretanto, é uma violência contra o simples direito de existir dessas mulheres, que não podem exercer a sua sexualidade por completo. Uma barreira familiar e social restringe as lésbicas japonesas ao silêncio. Mais do que uma simples característica da personalidade historicamente construída pelos japoneses, a recusa em discutir determinados temas, jogando as lésbicas ao ostracismo, é, de acordo com a pesquisadora Sharon Chalmers (2002, p. 1): “um instrumento tanto de contenção como de opressão”⁵.

De acordo com o filósofo, historiador, filólogo, crítico literário e professor francês Michel Foucault (2014), o discurso é o conjunto de enunciados construídos socialmente e historicamente que representam a realidade. Contudo, essa representação não poderia ser fidedigna, pois é perpassada pelas relações de poder e pelo que o teórico chama de “interdições discursivas”. Entre as interdições, temos os chamados “tabus do objeto”, ou seja, discursos que são mais amplamente controlados. Entre eles estão a política e, certamente, a sexualidade. Há, na análise do discurso foucaultiano, um controle de quem pode dizer e o que pode ser dito; o filósofo afirma que é a partir dessas ferramentas que “a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade” (FOUCAULT, 2009, p. 4).

Considerando tais premissas, visamos nesta pesquisa abordar as interdições discursivas presentes na comunidade japonesa no que diz respeito à lesbianidade. Partimos do pressuposto que, cultural e historicamente, os japoneses tendem a evitar discussões sobre a homossexualidade, de modo a manter viva uma tradição milenar essencialmente patriarcal. Esse posicionamento

3 De acordo com pesquisa realizada por Anthony S. DiStefano (2005), a maior parte da população japonesa acredita que as minorias sexuais no Japão não existem e que todos são heterossexuais.

4 Tradução nossa, assim como as subsequentes: “Most lesbians at the moment haven’t come out so they can’t be seen. And because they can’t be seen, society doesn’t attack them, and is prepared to let them be”.

5 “an instrument of both containment and oppression”.

reprime as lésbicas japonesas, no mais das vezes não assumidas por medo de perder sua parcial inclusão nos meios em que convivem.

Interdição e silenciamento: uma perspectiva foucaultiana

No livro *A ordem do discurso*, Foucault (2014) adota um tom de conferência e busca trazer à baila algumas reflexões e pesquisas sobre as diferentes abordagens possíveis dos estudos do discurso e de sua disseminação em diferentes sociedades. O pensador francês demonstra, dentre outros tópicos, como o controle, a limitação e a validação das regras de poder são exercidas em diferentes grupos sociais e momentos da história. Afirmo o teórico:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Dessa maneira, podemos conceituar o discurso; segundo Foucault (2014), ele é definido como uma rede de signos conectada a outros tantos discursos registrando, reproduzindo e estabelecendo os valores de determinada sociedade. Assim, o discurso não consistiria apenas em um encadeamento de palavras, mas sim como um importante instrumento de organização funcional que busca a estruturação de determinado imaginário social. Na obra supracitada, ademais de apresentar definições preliminares acerca do discurso, o teórico social aponta as táticas da organização do discurso para, em seguida, nos apresentar as possibilidades de analisá-lo. Uma das táticas para analisar o discurso é a compreensão dos mecanismos de exclusão externos. Tais mecanismos são compostos pela interdição, separação e vontade de verdade. A interdição refere-se ao ritual da circunstância ao direito privilegiado daquele que fala e ao tabu do objeto, conceito mobilizado para o desenvolvimento deste trabalho. Sabendo que esses tipos de interdições se cruzam, se reforçam ou se compensam, o historiador das ideias aponta que elas atuam:

formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse e ementa transparente ou neutro no qual a sexualidade de se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 2014, p. 9-10).

Sabendo que existem tais zonas em que o discurso tem suas grades mais cerradas, abordaremos em seguida questões pertinentes à sexualidade e a sua interdição, o seu tabu. De acordo com Foucault (2009) na obra *História da sexualidade I: a vontade de saber*, é partindo do século XVII que a sexualidade vai ser cuidadosamente encerrada e movida para o interior da família conjugal, sendo confiscada por ela. Consequentemente a sexualidade é absorvida inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Segundo o autor, era possível falar da sexualidade, porém somente no âmbito da proibição e da censura.

Já no que tange à questão da homossexualidade e da lesbianidade, foi somente por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constitui-las como objeto de análise médica: ponto de partida de toda uma série de intervenções e de controles novos. De acordo com Foucault (2009), todos os comportamentos sexuais que fugissem “à lei da natureza” começaram a ser estudados pela ciência, pois estas manifestações sexuais apresentariam uma ameaça ao costume moral e à raça.

Em uma outra mirada, Foucault (2009) aponta que o sexo não se calou ou se escondeu com o advento do capitalismo, mas se tornou cada vez mais um discurso circulante. O confessar e a manifestação do sexo foram incitados pelas instituições. Segundo o teórico a família, a Igreja, o Estado, e os saberes como a Medicina, o Direito, a Sociologia, a Psicologia e a Psiquiatria tiveram papel essencial nesses processos. Vale ressaltar que a circulação, manifestação e confissão do sexo foram estimulados desde o século XVI até o XIX (século que marca o nascimento das ciências humanas). Na época em questão foi criado um conjunto de categorias apoiado nas ciências médicas e psiquiátricas, no sentido de instituir as práticas sexuais que fogem ao padrão de normalidade (a heterossexualidade). Dessa maneira, os discursos e as práticas relacionadas com a heteronormatividade como norma que regula a vida social são trazidos à baila. Para o teórico Hiro Okita (2007), a heteronormatividade consistiria em um tipo de contenção, de camisa de força que oprime qualquer comportamento que fuja às suas normas. Assim, no momento que o sexo se torna um lugar de poder ele se converterá em um objeto de discursos da ordem da regra e da lei.

Indo ao encontro da perspectiva discursiva foucaultiana elucidada anteriormente, a ótica historiográfica presente na obra do filósofo e crítico literário Walter Benjamin (1985), intitulada “Sobre o conceito de história”, nos incita a analisar criticamente a forma “oficial” e dominante de se pensar

a história na esteira do progresso. A obstinada busca pela veracidade da história instituiu uma forma única na hierarquização dos acontecimentos e padrões, criando com isto a hegemonia de um poder único silenciando as vozes dos vencidos.

Refletindo sobre o campo da sexualidade a partir deste posicionamento teórico, é possível compreender a dominância do discurso heterossexual como uma forma de imposição de um padrão de comportamento, silenciando outras formas de expressão da sexualidade presentes na vida prática. Para as teóricas Carvalho, Calderaro e Souza (2013, p. 114-115):

o silêncio histórico em que se pautou a experiência feminina da homossexualidade foi sustentado por uma política do esquecimento, ou seja, o modelo patriarcal que promoveu visibilidade e ascensão do masculino, além de renegar o importante papel do feminino neste registro, também obscureceu a experiência afetivo-sexual que dispensava a presença masculina. [...] A seleção histórica possibilita que emudeçam experiências e de como a partir de um olhar crítico sobre o silêncio, podemos dar um sentido histórico para o não-lugar de determinadas experiências e, com este ato, criar um desvio, romper o silêncio e, talvez, encarnar uma existência.

Assim, podemos encontrar na fala das autoras que a sexualidade das mulheres foi historicamente construída como um tabu, o que se dá com força ainda maior quando tratamos da sexualidade lésbica, ou seja, aquela que dispensa a presença masculina. A lesbianidade, portanto, tem seus discursos silenciados no decorrer da história em todas as localidades. Para entendermos como esse processo se dá, mais especificamente, no Japão, analisaremos algumas teorias que discutem o silêncio japonês e sua relação com a sexualidade.

Do silêncio no ambiente público e privado japonês

Segundo a antropóloga e professora japonesa Takie Lebra (2007), o silêncio, em todas as culturas, é mais um ato comunicativo do que um mero vazio. A diferença, portanto, estaria em como cada sociedade interpreta o silêncio do outro e quais valores culturais subjazem essa comunicação muda. Em outras palavras, Lebra (2007, p. 116) questiona: “o que [...] o silêncio simboliza para os japoneses?”⁶. Para melhor explicar essa relação, a antropóloga divide o silêncio no Japão em quatro dimensões: a veracidade, o constrangimento, a desobediência e a discrição social.

6 “What [...] does silence symbolize for the Japanese?”.

A dimensão da veracidade é originária do Zen Budismo, afirma a teórica Sally Jones (2011, p. 18). De acordo com essa visão, os indivíduos são divididos em partes internas e externas, estando a verdade apenas no reino interior. Tal visão leva os japoneses a admirarem mais uma pessoa de poucas palavras do que um grande orador. Afirma Lebra (2007, p. 117): “Veracidade, sinceridade, objetividade ou confiabilidade estão aliadas à reticência”⁷. Isso está ilustrado na política e no ambiente familiar japonês, em que a capacidade de discurso não é uma qualidade prioritária. Segundo um dito popular no Japão, conforme citado pela professora: “A criança cresce observando as costas de seu pai” (LEBRA, 2007, p. 148)⁸. Ou seja, o movimento do corpo silencioso que não sabe que é observado ensina mais do que a instrução verbal “olho no olho”.

Por outro lado, a dimensão do constrangimento está diretamente relacionada às relações japonesas interpessoais, seja entre casais ou grupos de colegas de trabalho ou estudo. Segundo Lebra (2007, p. 119), a intimidade nem sempre vem com conversas desinibidas. Nas relações conjugais, por exemplo, há intimidade, mas a expressão verbal tende a ser mínima. Frases de afeto como “eu te amo” podem ser silenciadas e demonstradas pela esposa no ato de realizar as tarefas domésticas da casa. Por outro lado, o marido não diz seus sentimentos nem os expressa em outras atividades do lar, levando as esposas a reclamarem mais frequentemente acerca do silêncio de seus cônjuges.

Em sua terceira dimensão, o silêncio japonês pode afastar, desafiar ou hostilizar alguém. Essa dimensão trata especificamente de usar o silêncio, usualmente acompanhado de pistas como as expressões faciais, para manifestar desapresso. Assim, pontua Lebra (2007, p. 120), esse silêncio substitui frases como “eu discordo de você”, “eu contesto”, “eu estou bravo com você” ou “eu te odeio”. Nas discussões interpessoais, afirma a antropóloga, em diversas outras culturas, um momento de desentendimento levaria ao uso de palavras rudes em alto tom de voz, enquanto que no Japão tais situações costumam levar a um silêncio mortal.

Por fim, a dimensão da discrição social trata de relações mais mundanas e superficiais. Nelas, o silêncio é considerado necessário pelos japoneses, de modo a receber aceitação social e evitar penalidades. Para tal, os japoneses evitam revelar verdades mais profundas, seja por respeito ao seu

7 Truthfulness, sincerity, straightforwardness, or reliability are allied to reticence.

8 “The child grows up watching its father’s back”.

interlocutor ou por usar o silêncio como estratégia para seu próprio benefício social. Como pontua Lebra (2007, p. 118), nessa dimensão o “silêncio mais esconde do que reflete a verdade”⁹.

Alguns ditados populares japoneses ilustram essa última dimensão do silêncio japonês: “いわぬがはな” (iwanu ga hana)¹⁰, “くちわわざわいのもん” (kuchi wa wazawai no mon)¹¹ e “とりもなかねばうたれまし” (tori mo nakaneba utaremasi)¹². Lebra (2007) aponta que esses provérbios não tratam da importância de dizer a verdade ou a mentira, mas sim destacam que o silêncio é o mais conveniente. Segundo o preceito da discrição social, o indivíduo conhecer o que pode e o que não pode ser dito para determinada pessoa e em determinada situação é mais importante do que dizer a verdade.

Sally Jones (2011, p. 17) afirma que no Japão há uma estranha dicotomia, pois é um país muito barulhento, com grandes lojas de departamento, anúncios e ruas movimentadas, ao mesmo tempo em que seus habitantes valorizam demasiadamente o silêncio como uma forma não-verbal de comunicação: “o silêncio (como o discurso) expressa emoções, mostra respeito, cria distância pessoal, evita conflitos e até mesmo nega o significado de mensagens verbais”.

Acerca disso, a autora retoma a teoria sociopsicológica intitulada “teoria da polidez”, na qual afirma-se que os indivíduos possuem dois tipos de autoimagem pública: a “face negativa” e a “face positiva” (JONES, 2011). Segundo Brown e Levison (1978 apud JONES, 2011), autores da teoria, a face negativa é o desejo de agir livremente, enquanto a positiva representa o desejo de que os outros gostem de você. Uma vez que a comunicação verbal pode ameaçar ambas as faces, o silêncio é usado para manter a face positiva e evitar discordâncias com a pessoa com quem você se comunica.

Embora não seja possível generalizar a utilização do silêncio entre todos os sujeitos de uma sociedade, nem atribuir determinadas características a todos os tipos de situação, é possível identificar aspectos culturais comuns. Jones (2011) aponta, por exemplo, como o uso do silêncio varia entre japoneses e americanos. Segundo a autora, tais diferenças podem ser explicadas pelo conceito de comunicação de baixo ou alto contexto desenvolvido por Edward Twitchell Hall. De acordo com essa teoria, a comunicação é de

9 “[...] silence conceals rather than reflects truth”.

10 Melhor não comentar.

11 A boca é o portão do problema.

12 Se o pássaro não tivesse cantado, não teria sido alvejado.

alto contexto quando a maior parte da informação está contida no contexto físico ou internalizada na pessoa e muito pouco é explicitamente transmitido pela mensagem. Na comunicação de baixo contexto, pelo contrário, a maior parte da informação é transmitida de forma explícita.

A cultura dos Estados Unidos da América, afirma Jones (2011), é um exemplo de comunicação de baixo contexto. O Japão, por outro lado, representa uma sociedade com comunicação de alto contexto. Isso se dá porque os japoneses dão significados ao silêncio, o qual pode ser interpretado de formas ambíguas e ser associado a emoções positivas ou negativas. Essas diferenças estão diretamente relacionadas com o coletivismo japonês e o individualismo americano. Há uma consciência de grupo coletivo entre os japoneses que faz com que eles recorram ao silêncio mais frequentemente para evitar situações de constrangimento. Isso faz com que eles passem obrigatoriamente pelo que chamam de “はらげい” (hara-gei), literalmente, “arte da barriga”. Conforme explicado por Lebra (2007, p. 122), essa técnica é basicamente o uso da comunicação indireta, que requer entender e deixar os outros entenderem o que não foi dito.

Finalmente, é também o coletivismo que faz com que “o japonês busque evitar situações que envolvam raiva, desentendimento e emoções negativas que poderiam prejudicar a consciência do grupo”, pontua Jones (2011, p. 24)¹³. Como afirma o dito popular japonês: “でるくいわうたれる” (deru kui wa utareru)¹⁴, ou seja, os indivíduos não devem se destacar na multidão. Dessa forma, o uso do silêncio não é uma mera tradição comportamental, mas também uma ferramenta que permite desviar e coibir temas que possam, de alguma forma, levar a um desconforto dentro do coletivo. Entre esses temas está a sexualidade.

O silêncio e a lesbianidade

Em todo o mundo, muitas lésbicas permanecem atadas a um armário silencioso sem se assumir para algumas, ou todas as pessoas de seu vínculo social e afetivo. Para a teórica norte-americana Eve Kosofsky Sedgwick (2007, p. 22), o armário é um dispositivo regulador da vida de lésbicas e gays: “Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente

13 “The Japanese seek to avoid situations that involve anger, disagreement and negative emotions that could harm the group consciousness”.

14 Uma árvore alta pega muito vento.

gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas”. A manutenção desse armário está majoritariamente baseada em uma “presunção heterossexista”, pela qual os indivíduos acreditam, até que se prove o contrário, que as pessoas com quem estão lidando são heterossexuais.

Assim, pontua Sedwick (2007, p. 22), as lésbicas e os homossexuais precisam refletir: (1) se a outra pessoa sabe que ela ou ele é lésbica ou homossexual e (2) se ela vir a saber, qual será sua reação. Ser assumido ou não é, portanto, um conceito muito maleável e atrelado às circunstâncias, não se aplicando efetivamente em todos os contextos da vida das lésbicas.

Tal característica é enfatizada na sociedade de japonesa. Como pontuado pela escritora e ativista japonesa Marou Izumo (2000, p. 38) na obra *Love upon the chopping board*, as famílias japonesas possuem uma relação irritante e difícil baseada na máxima “melhor não comentar”¹⁵. A máxima prevalece nas relações japonesas mais do que o diálogo aberto, conforme afirma a autora: “Em uma família arcaicamente construída como a minha, abrir seu coração e conversar juntos definitivamente não produz resultados felizes. Seria equivalente aos subordinados assumir o controle dos superiores” (IZUMO, 2000, p. 40)¹⁶. Mais do que reagir violentamente, o pai apenas se recusava a dar ouvidos a discussões ou protestos que a filha ousasse proferir. O silêncio era a pior resposta.

Essa relação acaba por estabelecer um entendimento silencioso mútuo, o qual se desenvolve independente da vontade do indivíduo. A escritora afirma que nunca sabia o que responder ao ser questionada sobre quando se assumiu para sua família, uma vez que: “Em um estilo bem japonês, a sexualidade não era, propositalmente, mencionada por completo” (IZUMO, 2001, p. 38-39)¹⁷. O princípio do “melhor não comentar” intensifica negativamente as relações familiares no quesito sexualidade, tornando o “sair do armário” uma situação árdua e muitas vezes impossível. Tal fator é explicitado na relação de Izumo (2001, p. 38) com a mãe, que sempre afirmava em suas visitas: “Está tudo bem desde que você esteja feliz”¹⁸, em que estavam implícitas as palavras “mesmo que você seja lésbica”¹⁹.

15 Da versão em inglês “better left unsaid”.

16 “In an archaically constructed family like mine, opening your heart and talking together definitely does not produce happy results. It would be equivalent to the subordinates taking over the superiors”.

17 “In very Japanese style, sexuality was purposefully not mentioned outright”.

18 “It’s fine as long as you’re happy”.

19 “Even if you’re a lesbian”.

No que diz respeito ao pai, a situação era ainda mais delicada. Em uma família que nunca deixou a era feudal, as tradições patriarcais nas relações hierárquicas entre marido, mulher e filha estavam infiltradas de modo irreversível no cotidiano. Em um dos exemplos mencionados, a autora afirma que as mulheres da casa não podiam tomar banho antes dos homens e, quando realmente necessário, o banho era feito no chão gelado do corredor enquanto internalizava as palavras solenes: “Por favor perdoe minha indelicadeza em ir antes de você” (IZUMO, 2001, p. 39)²⁰.

O silêncio presente nas famílias japonesas se reflete, conseqüentemente, na sociedade como um todo. Como afirmado por Chalmers (2002), o Japão possui uma tradição essencialmente patriarcal até os dias atuais e permanece assumindo a heterossexualidade como norma universal, assim como reduzindo as mulheres ao seu papel de mãe e esposa. De modo a não quebrar essa tradição, evitar embates e parecer uma sociedade homogênea, as lésbicas japonesas continuam sendo lidas como mulheres heterossexuais pela sociedade. Afirma a pesquisadora “a tolerância só é possível quando a diferença é silenciada, ignorada, expulsa ou contida em contextos socioculturais muito específicos” (CHALMERS, 2002, p. 50)²¹.

De acordo com a tradição japonesa, o coletivo é mais importante que o indivíduo. Sendo assim, para manter “as aparências” e evitar discussões no meio familiar, o tema “lesbianidade” não costuma ser discutido, omitindo a existência dessas mulheres. Afirma Kakefuda Hiroto (1995, p. 72 apud CHALMERS, 2002, p. 2):

[Mas] a ideia de dizer aos pais é o suficiente para que a maioria das pessoas entrem em pânico... Trata-se de quem irá sofrer! E é claro que dentro da sociedade japonesa não é o indivíduo o mais importante. Pôr a si mesmo acima dos outros simplesmente não é o modo aceitável de pensar na sociedade japonesa²².

Não há, portanto, um “eu” a ser assumido, mas sim um “eu” fragmentado que depende das situações. Qual “eu” deve ser apresentado em cada contexto social é uma norma que costuma ser ensinada muito cedo no Japão, pontua Chalmers (2002, p. 2). Contudo, tal tarefa pode ser mais

20 “Please excuse my rudeness in going before you”.

21 “[...] tolerance is only possible when difference is silenced, ignored, expelled or contained in very specific socio-cultural contexts”.

22 [But] the idea of telling their parents is enough to make most people panic.... It comes down to who is going to suffer! And of course within Japanese society, it is not the individual who is the most important. Putting yourself above others is simply not the acceptable way to think in Japanese society.

difícil entre lésbicas, tendo em vista a falta de diálogo sobre essas questões. Os diversos “eus” são perpassados por fronteiras estritas de grupos hierárquicos, seja no que diz respeito à idade, sexo e sexualidade, status ou etnicidade.

A aparente imagem do Japão de país homogêneo e tolerante, na verdade, é perpassada por uma cultura de omissão, objetificação e invisibilidade. Como pontuado por Chalmers (2002, p. 2-3), há um desejo imenso de criar uma impressão de harmonia e consenso no Japão, de uma sociedade uniforme. Essa uniformidade está baseada em termos culturais e também na homogeneidade heterossexual, por outro lado, aqueles que não se enquadram nesses padrões são colocados como alguma forma de desvio, anormalidade ou, mais comumente, são simplesmente ignorados.

Assim, as レズビアン (rezubian)²³, ao reafirmarem sua sexualidade, quebram o silêncio, mas também o coletivismo, indo contra a homogeneidade da sociedade patriarcal japonesa. A teórica e ativista Kakefuda Hiroko (1993 apud CHALMERS, 2002, p. 50) argumentou fortemente acerca da necessidade de as lésbicas se assumirem, quebrando o silêncio que coloca a heterossexualidade como uma norma no país. Só assim a lesbianidade japonesa se tornará, em termos durkheimianos²⁴, um fato social, e tais discussões serão verdadeiramente colocadas em pauta, deixando de serem silenciadas pela população japonesa.

Considerações finais

Neste artigo, abordamos a relação entre silêncio e sexualidade. Usando como base as teorias foucaultianas acerca da interdição dos discursos, analisamos como a sociedade japonesa usa o silêncio para, de certa forma, alienar as lésbicas. Ou, nas palavras de Okita (2007), vesti-las com a “camisa de força” da heteronormatividade.

Como constatado no decorrer da pesquisa, o silêncio atinge as lésbicas e homossexuais em todo o globo. Contudo o Japão, por possuir uma cultura que baseia todas as suas relações no silêncio, seja para agradar, manter as aparências ou evitar conflitos, torna essas relações ainda mais delicadas. Destacamos também a tradição conservadora e supostamente homogênea

23 “Lésbicas” em japonês.

24 Para o sociólogo Émile Durkheim, os fatos sociais moldam a maneira que as pessoas agem e exercem influência sobre elas. Os fatos sociais são parte integrante da sociedade e dos discursos sobre ela.

reproduzida no país, em que todos são considerados de uma mesma raça, sexualidade e cultura.

Certamente, a suposta homogeneidade da cultura japonesa é inviável e leva o “outro”, o não-heterossexual, o não-silencioso ao ostracismo. Mais do que sofrer uma violência direta, os homossexuais no Japão são silenciados e escondidos a duras penas, na maioria das vezes não se assumindo para a família e para a sociedade. No ditado japonês: “**é melhor não comentar**”.

Portanto, concluímos nessa breve análise a importância de as lésbicas japonesas se assumirem, pois, ao retirarem a sexualidade do âmbito privado, quebram o silêncio e a ignorância sobre o fato. Mais do que um costume cultural, o silêncio japonês acerca da lesbianidade representa uma forma de contenção social e manutenção da tradição heteropatriarcal. A quebra dessa barreira, o fim desse silêncio, permite que tais questões sejam discutidas e não mais silenciadas dentro da cultura japonesa. É melhor comentar.

Referências

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-234. (Obras Escolhidas, v. 1).

CARVALHO, C. S.; CALDERARO, F.; SOUZA, S. J. O dispositivo “saúde de mulheres lésbicas”: (in)visibilidade e direitos. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 111-127, 2013.

CHALMERS, S. **Emerging lesbian voices from Japan**. London: Routledge, 2002.

DISTEFANO, A. S. Violence and self-harm among LGBT people in Japan. In: AMERICAN PUBLIC HEALTH ASSOCIATION ANNUAL MEETING, 133., 2005, Philadelphia. **Anais [...]**. Washington, DC: APHA, 2005.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

IZUMO, M.; **Love upon the chopping board**. Melbourne: Spinifex, 2000.

JONES, S. Speech is silver, silence is golden: the cultural importance of silence in Japan. **The ANU Undergraduate Research Journal**, Canberra, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/308x8fj>. Acesso em: 1º jun. 2019.

LEBRA, T. **Collected papers of Takie Lebra**: identity, gender, and status in Japan. Folkestone: Global Oriental Ltd., 2007.

OKITA, H. **Homossexualidade**: da opressão à libertação. São Paulo: Sundermann, 2007.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 19-54, 2007.

Recebido em junho de 2019.

Aprovado em julho de 2020.